

Nova Museologia: aspectos históricos e características

New Museology: historical aspects and characteristics

Sidélia S. Teixeira*

Palavras chave:
Nova Museologia
Patrimônio
Educação

Resumo: A presente análise tem como tema a história da Nova Museologia. Objetiva-se analisar alguns tópicos tratados no bojo desse movimento, como, por exemplo, os seres humanos, patrimônio, meio ambiente, ação museológica, educação e cidadania. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, na qual exploramos e sistematizamos as origens e o desenvolvimento da Nova Museologia, bem como apontamos as suas principais características, apoiadas em autores nacionais, internacionais e em documentos das conferências e dos seminários da área. Concluímos que o presente debate aponta caminhos para a análise sobre os museus e os processos preservacionistas, envolvendo natureza e cultura, além de contribuir para a memória e reflexões museológicas.

Keywords:
New Museology
Patrimony
Education

Abstract: The present analysis has as its theme the history of New Museology. The objective is to analyze some topics dealt with in the midst of this movement, such as, for example, human beings, heritage, environment, museological action, education and citizenship. This is a bibliographic and documentary research, in which we explore and systematize the origins and development of New Museology, as well as pointing out its main features, supported by national and international authors and documents from conferences and seminars in the area. We conclude that the present debate points out ways to analyze museums and preservationist processes, involving nature and culture, as well as contributing to museological memory and reflections.

Recebido em 30 de novembro de 2021. Aprovado em 31 de março de 2022.

Introdução

O professor Tomislav Sola (2020), durante a conferência intitulada *On Community and Decolonisation in the Age of Heritage* afirma que o mundo atual, pós-ideológico de realidade neoliberal, com suas guerras e caos, gera cada vez mais insegurança e medo nas populações. Associando essa discussão à contemporaneidade dos museus, esse pesquisador coloca que o “DNA dessa instituição” é

a colonização. Registra ainda que os museus devem ter um compromisso com a memória pública e a democracia planetária.

O mundo atual de que fala Sola (2020) apresenta problemas e contradições, mas também agrega várias conquistas da humanidade. Nessa linha, teóricos como Milton Santos (2001) afirma que a globalização capitalista envolve três perspectivas. A primeira, volta-se para o aprimoramento do conhecimento cultural, com base

* Museóloga, mestre em mediação cultural (Université d'Avignon/França), doutora em Estudos Contemporâneos (Universidade de Coimbra/ Portugal). Professora do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Museologia da UFBA. E-mail: sideliat@yahoo.com.br.

na circulação de informações, na quebra de fronteiras etc.; a segunda, direciona-se para a perversidade, pois a redução dos custos de produção gerou mais lucro, todavia produziu perda da qualidade de vida, desemprego e fome; já a terceira perspectiva volta-se para aspectos como o caráter mais humano e solidário em relação aos países subdesenvolvidos, o exercício do pensamento livre, o conhecimento e a unicidade do planeta.

O fato é que todas essas perspectivas desafiam o ser humano para a construção de um mundo com acesso à informação, trabalho, inclusão dos miseráveis e pobres, qualidade de vida e respeito ao meio ambiente, pois, como afirmou Sola (2020), as populações encontram-se angustiadas e ameaçadas nesse mundo hodierno.

Tudo isso demanda o desenvolvimento de uma visão ética cujos princípios da atividade humana deveriam direcionar-se à busca da compreensão da terra como âmago e à constituição de um modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico. Nesse sentido, a comunidade não é apenas local, mas também global, e a cidadania deveria ser vista como integral, ativa e plena, pressupondo a existência de uma democracia planetária cujos processos de aprendizado precisariam explorar o sentido das coisas desde o cotidiano (GADOTTI, 2000).

Em linhas gerais, a discussão desses estudiosos aponta para uma visão antropológica sobre o ser humano que engloba a vida, o meio ambiente e a participação dos cidadãos, articulada à noção de civilização sustentável, que envolve a preservação do patrimônio natural e cultural de forma integrada. Esses temas tiveram atenção especial no âmbito da Museologia, com a Nova Museologia. Esta foi influenciada pelo movimento em prol da democratização da cultura, iniciado em 1968, na França.

Nova Museologia: origem e desenvolvimento

Com o objetivo de situar o contexto cultural que proporcionou e incentivou esse movimento, recorreremos a Martins (1997, p. 157), que diz:

A efervescência cultural após a Segunda Guerra Mundial culminou na atitude de contestação global de valores em maio de 68, na França. O museu foi uma dentre as muitas instituições questionadas, surgindo, em Paris, um grupo de profissionais que criticavam a passividade e as posições burguesas do museu tradicional, que envolviam seus aspectos espaciais de templo, palácio, mausoléu e a concepção da coleção como tesouro das elites, em desacordo com a consciência do valor social da cultura e a necessidade de democratização dessa última.

tulo de ilustração, também mencionamos o comentário de Vasarely, transcrito por Martins (1997, p. 157), que afirmou o seguinte, em 1970: “Quero acabar com tudo aquilo que exatamente o museu quer: a obra única e insubstituível, a peregrinação, a contemplação passiva do público.” Essa frase ilustra o espírito dos artistas da época, que pretendiam uma “popularização” da arte e mudanças nos museus, baseados na crítica em relação ao bem cultural – tido como algo distinto e abstrato –, bem como à ideia de público inoperante. O fato é que estava em jogo, no período mencionado, sobretudo o caráter elitista, restrito e reducionista das instituições museais e suas relações com o poder, de maneira geral.

Vale ressaltar que a crítica aos museus já vinha sendo feita desde a primeira metade do século XX. Contudo, a partir de 1968, como afirma Martins (1997), ganhou força, a ponto de impulsionar mudanças nas políticas culturais de países como França, Inglaterra, Estados Unidos, México e Canadá. Nesse sentido, apresentando os primórdios da Nova Museologia, Desvallées (1992) refere-se às várias demarcações que nos parecem importantes, para apontarmos alguns aspectos sobre a natureza desse movimento. Dessa forma, o autor destaca as seguintes ocorrências:

- a) lançamento do livro de Freeman Tilden sobre a interpretação do patrimônio, que contribuiu para as discussões sobre os centros de interpretação;
- b) escritos de Georges Henri Rivièri e Hugues de Varine, diretores do Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 1946 e 1962, respectivamente, já com algumas proposições subjacentes sobre a Nova Museologia;

c) jornadas de Lurs, em 1966, que deram origem à criação de vários museus de sítio nos anos posteriores e contribuíram para o início da formulação do conceito de ecomuseu, por Georges Henri Rivière e Hugues de Varine;

d) reunião de Aspen (Colorado), em 1966, na qual Sidney Dillon Ripley, da *Smithsonian Institution*, apresentou a ideia de um experimento de museu de vizinhança e decidiu financiar a iniciativa de John Kinard em Anacostia;

e) seminário sobre museus de vizinhança nos Estados Unidos, em 1969, com a participação de John Kinard, que fundou, em 1967, o *Neighborhood Museum* de Anacostia, em Washington;

f) IX Conferência Geral do ICOM, em 1971, realizada entre Paris, Dijon e Grenoble, que discutiu o tema “Museu a serviço do homem, hoje e amanhã”;

g) uso do termo ecomuseu, por Robert Poujade, primeiro-ministro francês encarregado do meio ambiente, em Dijon, 1971;

h) mesa redonda de Santiago do Chile, em 1972, com o objetivo de discutir a função social do museu na América Latina;

i) criação da associação *Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale* (MNES), em 1980.

A produção bibliográfica, os congressos, o desenvolvimento de experiências museais e a criação de associações mostram que a Nova Museologia teve uma base acadêmica e popular. Nessa linha, Desvallées (1989) afirma, em relação à primeira base, que os debates partiam da noção relativista de cultura – base para a definição antropológica do conceito de patrimônio cultural –, que não admitia mais limites estéticos oriundos de determinadas classes sociais, mas priorizava a diversidade das produções culturais dos grupos sociais. A base popular manifestou-se após a criação e o desenvolvimento de novas formas museais, apoiadas em iniciativas e na participação comunitária em territórios específicos e no patrimônio, vistos de forma integral.

Dessa maneira, é importante reconhecer também a colaboração dos profissionais que atuavam na área e sentiam-se inquietos com o fazer museológico vigente na época. Muitos desses

buscavam explicações para o “isolamento” da instituição museu nas sociedades, para os baixos índices de visitação, a falta de discussão em relação aos problemas sociais nas atividades museais e o sentido das práticas de proteção dos bens culturais. Para fundamentar essa questão, recorremos a Maria Célia Santos (2008), que resume as principais temáticas discutidas no período de 1960 a 1980 no campo museológico e afirma que tinham como enfoque central a importância social do museu e seu papel no processo de formação dos cidadãos. Assim, é possível considerar que tanto os profissionais como os estudiosos da área tiveram uma atuação ativa no estímulo ao desenvolvimento do pensamento museológico, baseados em dados concretos da realidade e na efetivação de experiências.

Seres humanos, patrimônio e meio ambiente

A Nova Museologia aponta também para o deslocamento do eixo das discussões do objeto para o “homem”¹. Vale ilustrar essa questão com a análise desenvolvida por Desvallées (1992). Entende esse autor que a Nova Museologia funcionou como um refluxo, permitindo resgatar princípios já conquistados desde a Revolução Francesa, como a necessidade de democratização dos museus. De acordo ainda com esse autor, a Museologia recupera, para os museus de diversas áreas, o que Lévi-Strauss determinou para a Antropologia em 1954, ao afirmar que essa não serviria exclusivamente para recolher objetos, mas para compreender os homens.

De acordo ainda com Mairesse (2002, p. 101-102, tradução nossa): “[...] um pensamento é criado e desenvolvido, que questiona o museu, seu lugar na sociedade e sua relação com o homem e o meio ambiente, mas, ao mesmo tempo, formula também respostas”². Aflora, nessas discussões, questões como diversidade, identidade cultural e participação das coletividades. Tais indagações e as reflexões sobre museu e Museologia repercutiram mundialmente, tendo assumido algumas características peculiares nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. É possível afirmar, por exemplo, que o debate em torno dos museus e do patrimônio cultural, de maneira geral, estimulou a

necessidade de análise das produções culturais desses países. Essa questão torna-se oportuna, tendo em vista os efeitos dos processos de colonização nas instituições museológicas, que contribuíram para a construção de processos de preservação limitados acerca do patrimônio cultural, pois esses, muitas vezes, não correspondiam à realidade cultural dos países em desenvolvimento. Para explicar melhor esse processo, citamos Varine (1979, p. 12), que afirma:

A partir de princípios do século XIX, o desenvolvimento dos museus no resto do mundo é um fenômeno puramente colonialista. Foram os países europeus que impuseram aos não europeus seu método de análise do fenômeno e patrimônio culturais; obrigaram as elites e os povos desses países a ver sua própria cultura com olhos europeus. Assim os museus da maioria das nações são criações da etapa histórica colonialista.

Além disso, entendemos que aspectos históricos, ocorridos ao longo do século XX, como o processo de descolonização dos países da África, contribuíram para as reflexões em torno da diversidade e autonomia das culturas de forma ampla. Desse modo, as formas culturais dos diversos povos e seus patrimônios concorreram para o debate acadêmico, no continente europeu e no conjunto das suas sociedades, em termos gerais. Paralelamente, emergiram também questionamentos em torno do sentido da conservação dos bens culturais fora do seu contexto de origem, tendo em vista a constatação da existência de vários patrimônios oriundos de culturas não europeias, mas preservados em instituições da Europa (TEIXEIRA, 2014).

Desse modo, o debate sobre a diversidade cultural e patrimonial contribuiu para uma busca em relação a tipos diferenciados de museus apoiados em práticas museológicas voltadas para a preservação do patrimônio cultural in situ e em interação com as comunidades. Estas, por sua vez, são consideradas como produtoras de bens culturais dignos de serem preservados nas suas especificidades e concebidos com potencial de serem utilizados como instrumentos de compreensão da memória e da história. Assim, a ampliação da noção de cultura e a constatação da existência de vários códigos culturais contribuíram para a necessidade de implementação

de políticas culturais voltadas para a proteção de referenciais da vida cotidiana dos diversos povos.

A participação dos profissionais e a repercussão do movimento da Nova Museologia tiveram eco nas conferências organizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)/*International Council of Museums* (ICOM), que marcaram as discussões sobre o papel do museu e a importância do uso social do patrimônio cultural preservado. Destacamos, inicialmente, o seminário regional da Unesco, realizado no Rio de Janeiro em 1958, que discutiu a importância do museu como meio educativo, considerando-o como espaço adequado para se exercer a educação formal. Não obstante, o debate nesse seminário mostrou-se acirrado em função das concepções em torno da educação museal. Como afirma Chagas (2019, p. 20):

O seminário de 1958 não foi um campo tranquilo. Ao contrário, lutas e disputas estiveram em cena. Diferentes visões de mundo e diferentes perspectivas profissionais foram acionadas; o enfrentamento entre gerações e o embate entre o pensamento museal hegemônico de origem europeia e outras tendências que buscavam se afirmar, levando em conta as experiências nacionais, também estiveram presentes. No caso brasileiro, a disputa entre o pensamento museológico barroco e as novas formas de pensar e praticar a museologia que vinham se afirmando, especialmente a partir das novas gerações, também era presente e sensível. Segundo o relatório final de Henri Rivière, “houve divergências, às vezes agudas, entre os educadores e os funcionários dos museus”.

De maneira geral e adotando a mesma linha do debate proporcionado pelo congresso do Rio de Janeiro, a IX Conferência Geral do ICOM, em Paris e Grenoble, no ano de 1971, teve como propósito debater o tema “O museu a serviço do homem, atualidade e futuro – o papel educativo e cultural”. Em relação aos trabalhos realizados nesse evento, destacam-se algumas reflexões que contribuíram para o conhecimento museológico, por enfocarem a qualidade das atividades educativas por meio de serviços mais contextualizados, objetivando a melhoria do aprendizado, além de reforçarem a importância das práticas expositivas, as quais

deveriam estar embasadas numa fundamentação interdisciplinar (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 1972).

Todavia, na nossa avaliação, a conferência internacional da Unesco, que marca o movimento da Nova Museologia, sem dúvida, é a Mesa Redonda de Santiago do Chile, realizada em 1972, com o propósito de discutir o papel dos museus na América Latina. Essa reunião destaca-se por um forte questionamento acerca da importância social da preservação do patrimônio cultural e seu uso como estratégia de desenvolvimento. Vale registrar que a América Latina enfrentava um período de grande repressão advinda das ditaduras militares, o que dificultou a divulgação das ideias surgidas nesse movimento.

Importa salientar o papel dos estudiosos e profissionais no campo museológico, conforme ilustra M.C. Santos (2002, p. 106-107):

[...] por iniciativa individual, os técnicos, talvez movidos pelas mesmas razões de tantos colegas na França, no Canadá, em Lisboa, no México, etc., começam a trilhar novos caminhos, quebrando barreiras institucionais e filosóficas, na busca desse processo museológico transformador, delineado em Santiago, e do qual sequer tínhamos conhecimento.

Efetivamente, acreditamos que o conceito de museu integral foi sistematizado durante a citada Mesa Redonda. Nas décadas anteriores, algumas experiências no campo dos ecomuseus já haviam surgido, como, por exemplo, o Museu de Anacostia, em 1967, trabalhando com a ideia de museu de vizinhança, e o Museu ao Ar Livre des Landes de Gascogne, em 1969, que também contribuíram para a estruturação dessa noção durante o evento de Santiago do Chile. As tipologias de museus – museu de vizinhança, museu a céu aberto e ecomuseu – contribuíram para demonstrar a necessidade de as instituições museológicas consolidadas adaptarem-se às demandas sociais contemporâneas e desenvolverem modelos de gestão, análise e interpretação da memória de forma mais analítica e associativa, mediante a atuação de profissionais especializados.

Dessa maneira, Scheiner (2012) analisa que a marca registrada de Santiago foi a ideia de que os

museus tradicionais também podiam, e deviam, ser integrais. A perspectiva dos participantes do Encontro da Mesa Redonda de Santiago do Chile era ampliar as ações de cunho participativo no mundo dos museus, isto é, não se determinaram formas de “exclusão” das instituições museais existentes, mas, ao contrário, foi sugerida uma atualização dos museus, de maneira a atender aos anseios das populações, apoiada em uma reflexão crítica em relação à memória, trabalhada de modo participativo.

Destacamos ainda uma das recomendações apresentadas à Unesco no documento final da Mesa Redonda de Santiago do Chile, de 1972, solicitando a intensificação dos esforços da Unesco para contribuir com a formação de técnicos de museus, tanto de nível secundário como de nível universitário (MESA-REDONDA..., 1999). Contudo, no nosso entendimento, essa tendência clara com relação à profissionalização dos trabalhadores em museus já vinha ocorrendo, ao longo dos anos de 1950 até 1980, no campo da Museologia. Isso em decorrência da necessidade do desenvolvimento progressivo de estudos científicos e da construção de projetos qualificados para atender às necessidades dos públicos e das comunidades.

Com as associações, pretendeu-se afirmar princípios e normas para o desenvolvimento de trabalhos no campo museológico e impulsionar os responsáveis pela formulação das políticas culturais, com o propósito de mostrar a necessidade de construção de ações mais condizentes com a diversidade do patrimônio cultural. Destacamos a Associação Latino-Americana de Museologia (ALAM), o Comitê Internacional de Museologia (Icofom) e o Movimento Internacional da Nova Museologia (MiNoM). Essas associações também contribuíram e influenciaram as análises e reflexões sobre a importância e o papel político e social dos museus.

Tais ideias e conceitos desdobraram-se no Movimento Internacional por uma Nova Museologia (MINoM) na década de 1980, que inspirou vários museus a atuarem numa perspectiva menos centrada nos acervos e mais voltada para as relações comunitárias (SOUZA, 2020). É importante registrar que o MINoM, por exemplo, continua com uma atuação ativa, permitindo

ampliar, por meio de práticas e reflexões, a diversidade de concepções museológicas e museais atreladas à perspectiva social (CHAGAS; PEREIRA, 2019).

O debate em torno da necessidade de se preservar associando o passado ao presente também teve foco nas discussões em torno da Nova Museologia, que reforçava o compromisso com a memória pública e o seu uso para compreensão do tempo presente e projeção do futuro. A esse respeito, afirma Rússio (2010, p. 55):

Cabe aos museus restaurar o elo entre o passado e o presente, projetando a ponte para o futuro, através da preservação e da ênfase à manifestação do trabalho criador do homem, de sua inteligência e sensibilidade; cabe ao museu possibilitar a leitura não do símbolo, mas do elemento simbolizado, penetrando na raiz mesmo do Humanismo.

De modo geral, o que marca o movimento da Nova Museologia é a participação dos profissionais, estudiosos e militantes da sociedade civil, preocupados com a preservação do patrimônio natural e cultural, em prol de uma sociedade mais participativa e comprometida com a construção de governos e instituições mais democráticas. Nessa linha, Varine (2012) afirma que a Nova Museologia é um movimento de museólogos, filósofos, sociólogos, professores, educadores, agentes de desenvolvimento, entre outros que procuram adaptar melhor o museu a seu tempo e às necessidades das populações. Para os defensores do movimento da Nova Museologia, o ecomuseu constituía-se modelo de preservação e apropriação do patrimônio cultural, pois proporcionava o trabalho com os bens culturais de forma global, incluindo o patrimônio natural e cultural, além de proporcionar, por meio das atividades museológicas, a integração com as comunidades de um determinado território.

Um dos responsáveis pela criação do termo ecomuseu foi Georges Henri Rivièr³ que procurava tratar das relações entre o homem e o seu meio ambiente, articulando natureza e cultura (HUBERT, 1989). É nesse sentido que esse autor considera que o sistema inventado por Rivièr colocou o museu na escuta de seu tempo. Com efeito, foi no bojo das discussões sobre meio

ambiente e a necessidade de preservação dos recursos naturais mundiais que surgiu a noção de ecomuseu. De fato, o debate sobre a proteção do patrimônio natural já se desenvolvia desde a década de 1960, com os avanços da ecologia, das Cartas, Convenções e Recomendações Internacionais, que se constituíram nas primeiras tentativas organizadas em âmbito mundial (MENDES, 2019).

De acordo com Gestin (1989) e Hubert (1989), Georges Henri Rivièr trabalhou em algumas propostas de definição do ecomuseu que permitem uma análise da evolução desse conceito. A primeira versão caracteriza o ecomuseu como um novo tipo de instituição, vinculado a duas noções básicas: interdisciplinaridade, tendo como aspecto central a questão do meio ambiente; e ligação com a comunidade, pela sua participação na construção e funcionamento do museu. Rivièr analisou também a definição de museu *éclaté*, composto de um órgão primário de coordenação e de órgãos secundários, tendo como objetivo a interpretação do meio ambiente natural e cultural no tempo e no espaço (aspecto intensivo), com experiências comparativas fora da comunidade (aspecto extensivo).

A visão de Rivièr, consoante nosso entendimento, indicava uma preservação patrimonial integrada, isto é, envolvendo natureza e cultura, ao tempo em que apontava para as comunidades articularem processos locais a uma perspectiva global, evitando, portanto, o isolamento e demonstrando uma concepção dinâmica de identidade.

Essa tipologia museal (ecomuseu) funcionou, como afirma Brulon (2015, p. 268) como um “[...] museu de vanguarda, nos anos 1970 e 1980, [pois] voltou-se para aquelas que haviam sido consideradas até então as ‘culturas dos Outros’, culturas silenciadas e deixadas à margem de qualquer tipo de musealização”. Com efeito, almejava-se a construção de um museu comprometido com uma educação questionadora e transformadora. Isto com a expectativa da possibilidade de mudança do paradigma na história dos museus, isto é, de espaços da memória do poder para o desenvolvimento de práticas museológicas, com o objetivo de explorar o poder da memória.

Ação museológica, educação e cidadania

Além do desenvolvimento de uma noção de museu, o movimento da Nova Museologia teve como abordagem central a questão do papel educacional dos museus. Isso pudemos constatar nos temas das conferências internacionais, algumas já mencionadas, e das experiências desenvolvidas no campo da forma museal, que se expressa nos ecomuseus, museus comunitários, museus de vizinhança, museus ao ar livre, entre outras.

Apesar dos encontros do ICOM e da abordagem sobre a educação, ainda havia um grande distanciamento entre a educação que era praticada e os objetivos da Nova Museologia. Por outro lado, foi necessário, por parte dos atores sociais que iniciaram o movimento, um grande esforço para serem aceitos pelo ICOM. Houve um rompimento inicial, quando foi criado esse movimento, e a pressão posterior provocou uma “certa aceitação” por parte desse órgão. Algum tempo depois, foi criado o MiNoM, conforme mencionado, fruto dessa coação⁴.

Cândido (2002) e M.C. Santos (2008) consideram que o educador Paulo Freire, com sua teoria da educação libertadora, influenciou as discussões no campo da Nova Museologia, tendo contribuído para os debates interdisciplinares produzidos nos anos 1960, 1970 e 1980 junto ao setor museológico. Consoante Desvallées (1992), a elaboração dessa perspectiva educacional era adequada às preocupações dos estudiosos da área museológica, associando-se às reflexões sobre as restrições e o acesso cultural aos museus por parte das populações e sobre a falta de valorização do patrimônio cultural. Assim, pesquisadores como Cury (2005, p. 63) consideram a Nova Museologia como “[...] um modelo metodológico de interação entre o patrimônio cultural e a sociedade. Nesse modelo, o público é agente das ações de preservação e comunicação patrimonial e o processo é tomado como educacional, por ser transformador”.

É nesse sentido que autores como M.C. Santos (1993) enfatizam a concepção de Museologia como um processo interativo com a educação. Essa autora enfoca o caráter participativo das ações museológicas, baseadas numa articulação entre os conteúdos programáticos das disciplinas e o acervo

dos estudantes e das comunidades onde as escolas estão inseridas, revelando, assim, que o aprendizado ocorre com base no cotidiano. Para ela, isso proporciona uma vivência em torno do patrimônio cultural, dotando de sentido a preservação, mediante a compreensão e reflexão sobre as identidades culturais. Suas palavras sobre as mudanças em relação à concepção e à prática da preservação do patrimônio cultural são dignas de menção:

A passagem da preservação saudosista e paternalista para a apropriação, reapropriação e o uso do patrimônio cultural, atribuindo-lhe funções, fazendo com que suscite a criatividade, o questionamento, a reflexão e a busca de um novo fazer, no nosso entender, só será alcançada com a participação da sociedade; por isso, a nossa grande preocupação em trabalhar a formação do cidadão. (SANTOS, M.C., 1993, p. 116).

Na perspectiva dos participantes do movimento da Nova Museologia, a preservação do patrimônio cultural era um ato de educação voltado para o exercício da cidadania e da transformação social.

Dessa maneira, as ações envolvendo o patrimônio e os museus incorporaram novas dimensões. No tocante à Museologia, ampliou-se seu raio de ação para fora da instituição museal. O museu passou a ser concebido como uma instituição que devia articular-se aos problemas das sociedades e à formação dos cidadãos. O museu transformar-se-ia, assim, do “lugar do passado” em “lugar do presente”, onde ambos, passado e presente, estariam sob constante discussão e avaliação. E não apenas passado e presente em forma de criação artística, mas também social e política, verdadeiras molas da cultura (SUANO, 1986).

Na mesma linha de pensamento, mas comparando o museu templo com o museu fórum, Cameron (1971) considera que o museu fórum é onde se ganham as batalhas, e o museu templo é onde se encontram os vencedores. Acrescenta ainda que o museu fórum é local em que se fomenta a ação. Essa comparação permite-nos perceber que o autor está comprometido com as reflexões críticas sobre o patrimônio cultural preservado nos museus, entendidos como espaços da memória do poder, e com a necessidade de estimular transformações

museológicas para viabilizar e incentivar mudanças sociais.

Consoante essa perspectiva, ao discutir a importância dos museus, Varine (1987) defende que as instituições museológicas devem estar a serviço do desenvolvimento, não obstante essa noção ser trabalhada e articulada aos aspectos de formação, para atender às necessidades de populações que carecem de uma educação cidadã. Na mesma linha, com relação à educação nos museus, Chagas (1989) argumenta que a finalidade última não é a formação de artistas, como seres especiais e privilegiados, mas a reflexão, a conquista de um estado de consciência mais abrangente e a compreensão do indivíduo acerca do tempo e do espaço social em que está inserido.

Considerações finais

Podemos considerar que a Nova Museologia foi um movimento que tratou de temas como a relação dos seres humanos com o objeto (patrimônio cultural) na sua diversidade, explorou a importância da sua preservação integrada (patrimônio natural e cultural), numa perspectiva de educação transformadora voltada para a construção de uma cidadania ativa. O debate voltou-se ainda para as tipologias museais comunitárias, como o ecomuseu e a participação comunitária nas suas relações entre o local e global, numa perspectiva de identidade dinâmica.

Essa discussão contribui para a memória e as reflexões sobre a Museologia, principalmente no que diz respeito às suas articulações com a memória pública, além de apontar caminhos para o aprofundamento da discussão sobre os museus e os processos preservacionistas integrados, envolvendo natureza e cultura. Esses aspectos são ainda muito importantes no mundo atual, para que possamos construir uma civilização sustentável e uma democracia planetária.

Notas

1 Há vários teóricos nesse campo, a saber: Gregorová (1990), Mensch (1994), Schreiner (1990), Stransky (1990). Rússio (1990) considera o fato museológico como a relação que existe entre o homem, sujeito que se conhece, e o objeto, testemunho da realidade.

2 “[...] une pensée se forge et se développe, qui questionne le musée, sa place dans la société et son rapport à l’homme et l’environnement, mais qui en même temps formule des réponses.”

3 Georges-Henri Rivière foi um museólogo francês e inovador das práticas modernas de museologia etnográfica francesa.

4 Para maiores detalhes sobre esse processo, consultar Cerávolo (2004).

Referências

BRULON, Bruno. A invenção do ecomuseu: o caso do écomusée du Creusot Montceau-Les-Mines e a prática da Museologia experimental. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 267-295, ago. 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mana/a/6h57ScQ68skw5dZVV6fLBxQ/?lang=pt#:~:text=Tendo%20como%20ber%C3%A7o%20a%20Fran%C3%A7a,partilhavam%20da%20cena%20da%20Hist%C3%B3ria>.

Acesso em: 19 mar. 2022.

CAMERON, Ducan F. The Museum: a temple or the forum? **Revista Curator**, New York, v. 19, n. 1, p. 11-14, 1971. DOI:

<https://doi.org/10.1111/j.2151-6952.1971.tb00416.x>. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.2151-6952.1971.tb00416.x>. Acesso em: 15 fev. 2022.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Conceitos e proposições presentes em Vagues, a antologia da Nova Museologia. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 31, p. 63-75, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/2635244/2002_-_Conceitos_e_proposi%C3%A7%C3%B5es_presentes_em

_Vagues_a_antologia_da_Nova_Museologia.
Acesso em: 20 fev. 2022.

Cerávol, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 237-268, Jan./Dec. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5409>. Acesso em: 19 mar. 2022.

CHAGAS, Mário de Souza. Preservação do Patrimônio Cultural: Educação e Museu. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 46-53, dez. 1989.

CHAGAS, Mário. Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus (1958): setenta anos depois. *In*: CHAGAS, M; RODRIGUES, Marcus V. M. **A função educacional dos museus: 60 anos do Seminário Regional da Unesco**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2019. p. 10-33. Disponível em: https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/Livro_seminario_WEB.pdf. Acesso em: 23 mar. 2022.

CHAGAS, Mário de Souza; PEREIRA, Marcele. MINOM a serviço da vida. **Revista del Museo de Antropología**, Córdoba, v. 12, n. 2, p. 129-132, ago. 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-48262019000200012. Acesso em: 19 mar. 2022.

CURY, Marília Xavier. Museologia: marcos referenciais. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, SC, v. 18, n. 21, p. 45-73, 2005. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2271>. Acesso em: 19 mar. 2022.

DESVALLÉES, André. A Museologia e os museus: mudanças de conceitos. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 12-21, 1989.

DESVALLÉES, André. **Vagues**: une anthologie de la nouvelle museologie. Paris: WMNES, 1992. v. 1. (Collection Museologia). 1. ed. de 1954.

GADOTTI, Moacyr. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 2-9, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

GESTIN, Jean-Pierre. Muséologie et parcs naturels. *In*: RIVIERE, Georges-Henri. **La museologie selon Georges Henri Rivière**. Paris: Bordas, 1989. Cours de Muséologie/Textes et témoignages. p. 155-157.

GREGOROVÁ, Ana. A discussão da museologia como disciplina científica. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 45-50, 1990.

HUBERT, François. Historique des Écomusées. *In*: RIVIERE, Georges-Henri. **La Muséologie selon Georges Henri Rivière**. Cours de Muséologie/Textes et témoignages. Paris: Bordas, 1989. p. 146-154.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **The museum in the service of man**: today and tomorrow. The museum's educational and cultural role: the papers from the Ninth General Conference of ICOM. Paris: ICOM, Sep. 1972. Disponível em: <https://icom.museum/en/ressource/the-museum-in-the-service-of-man-today-and-tomorrow-the-museum-educational-and-cultural-role-the-papers-from-the-ninth-general-conference-of-icom/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

MAIRESSE, François. **Le musée temple spectaculaire**: une histoire du projet muséal. Paris: Presses Universitaires de Lyon, 2002. (Collection Muséologies).

MARTINS, Maria Helena Pires. Ecomuseu. *In*: COELHO, Teixeira (Org.). **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 157-164.

MENDES, Manuel Furtado. Museus e sustentabilidade ambiental. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 57, n. 13, p. 41-60, 2019. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/729>. Acesso em: 23 mar. 2022.

MENSCH, Peter. **O objeto de estudo da museologia**. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994.

MESA-REDONDA de Santiago do Chile. ICOM, 1972. *In*: PRIMO, Judite (Org.). Museologia e patrimônio: documentos fundamentais. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, PT, v. 15, n. 15, p. 111-121, 1999. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/32>. Acesso em: 10 mar. 2022.

RÚSSIO, Waldisa. Conceito de cultura e sua interrelação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 7-12, 1990.

RÚSSIO, Waldisa. Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual (1974). *In*: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord. Editorial). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São

Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 45-56. v. 1.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Encontros museológicos**: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008. (Coleção Museu, Memória e Cidadania, 4).

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Reflexões sobre a Nova Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 18, p. 93-130, 2002. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>. Acesso em: 19 mar. 2022.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Repensando a ação cultural e educativa dos museus**. 2. ed. ampl. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHEINER, Tereza. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, 2012.

SCHREINER, Klaus. Discussão sobre o lugar da museologia no sistema das ciências. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 67-72, 1990.

SOLA, Tomislav. **On Community and Decolonization in the age of heritage**. Trabalho apresentado no 8º Seminário Museologia Experimental, Rio de Janeiro, 3 dez. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=X8BsB6cTlGg>
. Acesso em: 9 fev. 2021.

SOUZA, Luciana Christina Cruz E. Museu integral, museu integrado: a especificidade latino-americana da Mesa de Santiago do Chile. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, Nova Série, v. 28, p. 1-21, e4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/sh3gYhzFZH8SJwBNZt3qc6j/?lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2022.

STRANSKY, Zbyneck. Para uma definição de uma teoria de museus. **Cadernos museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 79-84, 1990.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TEIXEIRA, Sidélia Santos. **Patrimonialização, memória local e transformação social**: os casos dos parques metropolitanos do Abaeté e de São Bartolomeu (Salvador, Bahia, Brasil). 2014. Tese (Doutorado em Estudos Contemporâneos) – Instituto de Investigação Interdisciplinar, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/24447>. Acesso em: 26 fev. 2022.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VARINE, Hugues de. Entrevista sobre os museus. In: ROJAS, Roberto *et al.* **Os museus no mundo**. Rio de Janeiro: Salvat, 1979. p. 9-21.

VARINE, Hugues de. **O tempo social**. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1987.